

SUPERNOVA

boletim informativo do CEFISMA

Produção do centro acadêmico da física USP (CEFISMA) | Setembro 2025

Agostina: sucesso e fracasso

Este ano, a Agostina foi histórica, reafirmando a universidade como espaço de cultura, lazer e transformação social. Mas, por trás do brilho da festa, um problema: o caixa das entidades estudantis.

escrito por Ely Miranda

página 2

Alocação Didática

Perspectiva da representante discente junto a comissão de graduação

Chega o final do semestre e uma pergunta permeia as cabeças dos alunos do instituto de física: “qual será minha grade no próximo semestre?” que você mais queria pegar, e agora?

escrito por Triz Persoli

página 4

Segunda Casa

São muitas as definições de “casa” usadas no cotidiano dos falantes de português, tantas que algumas não cabem exatamente em dicionários, mas encontram espaço nesse texto.

escrito por Marcos Gabriel

página 5

O Fim do Universo: Reflexões sobre a Morte, a Consciência e a Eternidade

Uma abordagem humana de uma morte fria e lenta de algo que nunca viveu

A humanidade ponderou por muito tempo o que a morte é, chegando a inúmeras conclusões, mas o fim não é algo claro, nunca foi e talvez nunca será.

escrito por Remanso

página 7

Coletânea de Artes

Aprecie algumas obras de artes produzidas pelos alunos do Instituto!

página 12

Repasses

Repasse dos RDs das reuniões de agosto e setembro e repasse financeiro do Cefisma do mês de agosto.

página 19

Próximos Eventos

Confira o calendário de eventos no IFUSP

página 26



Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?

Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!



Agostina: sucesso e fracasso

Este ano tivemos uma Agostina histórica. Muito disso se deve à comunidade do IFUSP, por isso o CEFISMA agradece imensamente pelo engajamento nos posts, pelos produtos comprados, pelos amigos trazidos e, principalmente, pela presença no espaço e pelo trabalho realizado. Mais do que um evento social e cultural, a Agostina também afirma politicamente o espaço do IFUSP. A universidade não deve ser apenas um local de trabalho e estudo, mas um lugar de construção, acolhimento, desenvolvimento social e lazer. O espaço universitário não existe apenas para formar trabalhadores e produzir ciência: ele serve também para desenvolver nossas capacidades físicas e mentais, para discutir a sociedade e atuar em sua transformação. Essa festa marca um espaço de construção da identidade do estudante de física na USP. Dito isso, o balanço sobre este evento não deve ser apenas em termos financeiros, mas sobretudo pelo ganho social e político de todo o processo. Podemos afirmar, sem dúvidas, que a Agostina foi um sucesso.

No ano passado, nós tivemos a Setembrina. O adiamento dessa festa possui os mesmos motivos que dificultaram sua edição esse ano e eu cheguei a escrever sobre isso. Infelizmente, não consegui publicar no boletim da época, mas essa é uma ótima oportunidade para revisá-lo. Seu título seria: “Setembrina: precisamos falar do elefante na sala” e a introdução explica essa dificuldade:

“No dia 20 de setembro de 2024 aconteceu a Setembrina no IFUSP. A data foi resultado do adiamento da festa de agosto para setembro, motivado pela falta de capital de giro para realizá-la.

Precisamos de cerca de R\$17.000,00 para organizar a Agostina e grande parte desses gastos — mais da metade — é o que chamamos de ‘morto’. O morto é o dinheiro que precisamos gastar e que não gera retorno financeiro: seguranças, ambulância, banheiros químicos, grades etc. Sabemos da importância da segurança para manter a ordem, mas, diferentemente de uma pizza vendida, esse gasto não volta para o caixa.”

A Setembrina aconteceu graças a uma campanha de financiamento coletivo junto às entidades e professores. O HackerSpace merece destaque, pois centralizou a arrecadação estudantil. Essa saída foi necessária, visto que a diretoria não apoiou financeiramente o evento, diferentemente de 2023. Os argumentos burocráticos para esse abandono foram vários e parecem verídicos, mas é notável a má vontade em buscar alternativas. A partir de agora, só teremos financiamento da diretoria se entregarmos o planejamento com um ano de antecedência. Enfim, vamos aos números:

“Ao todo, gastamos R\$16.703,13 com a Setembrina, desses gastos o CEFISMA arcou com cerca de 70%, a Atlética com cerca de 12% e o resto foi arrecadado com a campanha de financiamento. Porém, tivemos a desastrosa entrada de apenas R\$5.940,59 gerando um prejuízo de quase R\$11.000,00!”

Esse é o elefante na sala: a Agostina, mesmo com toda sua importância social e política, tem destruído o caixa da entidade que representa todos os estudantes da Física. Sem enfrentar esse problema, não conseguiremos construir projetos de médio e longo prazo que demandam grande investimento,

como, por exemplo, uma reforma significativa no Amélia. Dinheiro é política e precisamos encarar isso de frente.

Este ano, a situação foi ainda mais pesada. O CEFISMA arcou com todos os gastos e o valor do “morto” superou R\$12.000,00, fruto de novas exigências da prefeitura da USP. A única forma de suprir esse déficit é vender nossos produtos — única fonte de renda do CEFISMA e das entidades na festa. Nesse sentido, precisamos melhorar muito.

Gastamos em média o mesmo valor (doze mil reais) na compra de bebidas para vender durante o evento. No entanto, nossa organização não soube prever o impacto da presença de comerciantes externos e, durante a festa, não conseguimos pensar em uma solução para lidar com isso de forma adequada. Esse imprevisto, somado ao amadorismo na organização dos trabalhadores e a burocracia para a venda dos produtos — filas longas tanto para a compra de fichas quanto para retirar as bebidas — resultou em um desempenho muito abaixo do esperado: não conseguimos vender nem metade do que compramos.

Outro ponto delicado é a política de venda de comidas por times e entidades. Enquanto alguns conseguem lucrar bastante, outros arrecadam pouco. Além disso, toda a infraestrutura das barracas — com exceção da Cheria — foi custeada pelo CEFISMA. Para completar, parte da arrecadação obtida com os produtos financiados pelo CA ainda será repassada aos times. Em suma, tomamos um prejuízo de mais de R\$15.000,00 reais.

Aqui, o “somos” é coletivo, não vale apenas para o CEFISMA ou para a Atlética - que tomaram a frente da organização - mas para toda a comunidade do IFUSP. Aqui está o fracasso da Agostina.

Nossa obrigação agora é fazer um balanço político e material sobre tudo de bom e ruim que aconteceu. Não podemos abrir mão da crítica coletiva sobre o processo. Precisamos aprender com os erros e, assim, errar diferente. Por isso, convidamos todos os estudantes independentes, das entidades, dos times, quem trabalhou na festa e quem quiser opinar, a participar da reunião aberta de balanço que ocorrerá na semana que vem. Assim, sairemos dela com um entendimento mais claro de nossos acertos e falhas, bem como com um projeto novo para a próxima Agostina.

A experiência desta edição deixa claro o quanto o amadorismo ainda marca a forma como construímos nossas festas. Não no sentido de falta de dedicação, mas no sentido de ainda não termos uma estrutura coletiva e permanente capaz de sustentar um evento desse porte com tranquilidade. Isso gera sobrecarga, desgastes e improvisos que poderiam ser superados com mais planejamento, partilha de responsabilidades e profissionalização de certas tarefas. A Agostina não deve mais ser organizada apenas pelo CEFISMA e pela AAAGW, mas por toda a comunidade IFUSPiana.

Ao construirmos uma Agostina sustentável a transformaremos em uma ferramenta para fortalecer nossa comunidade também financeiramente.

Sobre o autor

Ely Miranda é doutorando, tesoureiro e militante da UJC e do PCBR

Alocação Didática

perspectiva da representante discente junto a comissão de graduação

Chega o final do semestre e uma pergunta permeia as cabeças dos alunos do instituto de física: “qual será minha grade no próximo semestre?”. Diversos fatores entram nessa decisão: as disciplinas do seu período ideal, as disciplinas que você atrasou, os professores alocados para tais disciplinas, as optativas que te interessam e serão oferecidas; garantindo sempre que as disciplinas escolhidas não tenham conflito de horário. E, todo período de matrícula, vem o luto de não conseguir sua grade dos sonhos, pois um professor de péssima fama vai lecionar a disciplina que você mais queria pegar, e agora?

É importante entender como funciona essa alocação didática para que nós, como alunos, saibamos para quem reclamar.

Primeiramente, é importante saber que esse processo começa cedo; com cedo eu digo que no calendário da CG (comissão de graduação) deste semestre, o primeiro evento estava para acontecer no dia 12 de setembro. Mas quais são esses eventos? Primeiramente, as CoCs (comissões organizadoras de curso) definem as prioridades, que são docentes que deram uma disciplina pela primeira vez no ano anterior e então ganham a prioridade para reoferecê-la. Com as prioridades definidas, há o envio da mensagem para os docentes que as têm; no estatuto do IFUSP se o docente exercer a prioridade ele é automaticamente alocado na disciplina. Assim, temos a primeira versão da carga com as prioridades exercidas.

Agora, começa a parte delicada. É enviado para os docentes um formulário online, em que eles devem escolher quatro disciplinas que estão interessados em lecionar, colocando em ordem de

preferência; eles devem também manifestar se irão dar carga dupla e se irão lecionar disciplinas na pós-graduação. É muito importante que o docente preencha devidamente o formulário. Perceba o seguinte: se o corpo discente quer muito que algum professor ministre uma disciplina, é necessário pedir para que ele coloque essa disciplina nas preferências dele no formulário - melhor ainda se ele colocar com maior preferência - e então os discentes podem organizar um abaixo-assinado. Assim, o combo docente pedindo preferência + abaixo-assinado aumenta muito as chances dele ser alocado na disciplina. Vale lembrar que se o professor não colocar a disciplina nas preferências, o abaixo-assinado perde muito o efeito.

No dia 17 de outubro haverá uma reunião ordinária da CG, essa reunião é muito importante para a alocação didática. Nela, é observado a situação das disciplinas obrigatórias para cursos do IFUSP e para demais institutos que têm disciplinas da física; é nesta reunião que a RD (representante discente) consegue mostrar os abaixo-assinados. Há ainda mais uma reunião da CG, de novembro, em que podem ocorrer reajustes na carga horária, principalmente em relação a disciplinas optativas e alocação de docentes para a Escola Politécnica.

Vale destacar que professores que pegam carga dupla tem prioridade na escolha de disciplinas, diversos professores pedem licença prêmio e não lecionam nenhuma disciplina no semestre e o formulário online para os docentes é muito extenso, com muitas respostas e muito texto; já ocorreu e deve ocorrer novamente erros. Os alunos, se souberem de algum professor interessado em lecionar alguma matéria, fiquem a-

tentos e avisem a RD.

Também é importante ressaltar que a alocação de docentes para disciplinas optativas ocorre por último; depois das obrigatórias do ifusp, das obrigatórias dos demais institutos e das optatórias; então, acontece de mesmo tendo professores interessados numa determinada disciplina optativa, ele já tenha preenchido sua carga horária com outras disciplinas. Por fim, é sempre importante saber que as CoCs dos cursos têm influência nas cargas e é importante mantê-las informadas sobre possíveis questões, principalmente com professores problemáticos; formas de fazer isso é pela avaliação de disciplinas no fim do semestre e alertando os RDs das CoCs. As disciplinas de outros institutos, como as disciplinas do IME (instituto de matemática e estatística), não cabem a CG do IFUSP e sim a CG do IME.

Sobre o autor

Triz Persoli é Representante Discente junto a Comissão de Graduação, estudante do curso de bacharelado em física e vice-presidente do Cefisma,

Segunda Casa

Casa

(s.f.) [ca-sa]

Edifício ou construção destinado à habitação;

Local para viver; domicílio, moradia;

Reunião das propriedades de uma família ou dos assunsto familiares e demésticos;

Pessoas que habitam o mesmo lugar; reunião dos indivíduos que compões uma família; lar;

Local usado para encontros, reuniões; habitação de determinado grupos com interesses em comum;

São muitas as definições de “casa” usadas no cotidiano dos falantes de português, tantas que algumas não cabem exatamente em dicionários, mas encontram espaço nesse texto. Aqui, por ousadia, se justifica porque, hoje, não cabe à universidade o nome “Casa do Conhecimento” ou “Casa do Saber”.

Uma casa não é apenas um espaço onde as pessoas moram. Uma casa é um complexo lugar

no espaço e no tempo, porque o ser humano habita no espaço e no tempo. Basta notar que onde você mora é mais sua casa hoje do que quando você se mudou para lá. Há uma série de objetos, relações e memórias construídos na sua moradia ao longo do tempo. Um lugar no sofá, momentos sozinho no quarto, refeições em família, comemorações entre amigos, brincadeiras, olhares e sorrisos, tudo isso e não apenas um endereço e uma mobília compõe uma casa. Certamente, quem já se mudou tem a plena convicção desse conceito — se mudar despertaria menos sensações se fosse a simples alteração de CEP.

Essa descrição de casa permite entender melhor outros lugares. Se uma casa é um lugar em que se convive consigo e com outras pessoas, se compartilham momentos e memórias e, dessa maneira, se constrói, assim outros espaços poderiam ser uma casa também. Se um estudante universitário passa 30 horas por semana na universidade, ela deveria ser uma segunda casa

para ele.

Apesar disso, dificilmente se vê alguém afirmar que se sente em casa neste contexto. E a universidade é apenas um exemplo. Pense no local de trabalho, onde se passa a maior parte da vida adulta. Pense nos longos deslocamentos em transportes públicos ou engarrafamentos. Pense até mesmo nos shoppings centers, praças de alimentação e academias que frequentamos. São espaços funcionais, de transição, de passagem.

Se vive, cada vez mais, imerso em uma geografia de não-lugares: ambientes impessoais, muitas vezes padronizados, projetados não para a construção de vínculos, mas para a eficiência (e muitas vezes, nem isso) de uma função específica — consumir, trabalhar, estudar, transitar. São espaços que não carregam história pessoal, que não acolhem as pessoas como indivíduos completos, mas como usuários, clientes, alunos ou funcionários.

Paralelamente, se é lançado em não-tempos. Os ritmos acelerados, a pressão por produtividade constante e a fragmentação das jornadas corroem a possibilidade de momentos de pausa, de convívio orgânico e de construção de memórias compartilhadas. O tempo deixa de ser um tecido onde se bordam experiências para ser uma linha de produção a ser otimizada.

Essa combinação perversa de não-lugares e não-tempos joga o indivíduo para dentro de si mesmo e, ao mesmo tempo, corrompe a sensibilidade. A impossibilidade de criar raízes, de pertencer verdadeiramente a um espaço e a uma comunidade, gera um individualismo não por escolha, mas por defesa. A solidão não é mais apenas a falta de pessoas ao redor; é a sensação profunda de que, mesmo rodeado de gente, é impossível transformar um espaço em um lugar próprio para si aos outros no mesmo espaço, nem aquele tempo em um momento comum, às vezes,

mesmo dentro da própria casa. É a nostalgia de um lar que não se restringe a um endereço, mas que parece cada vez mais difícil de construir em um mundo que valoriza a velocidade e a utilidade acima da existência e do afeto.

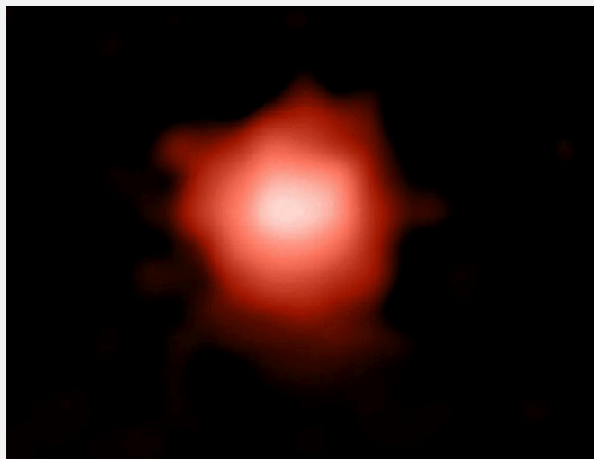
Nesse cenário, a universidade não pode ser a “Casa do Conhecimento” ou “Casa do Saber”. A lógica dos não-lugares e não-tempos não apenas afasta as pessoas da universidade, mas afasta a própria universidade de sua missão. A tirania da produtividade e dos prazos curtos asfixia a curiosidade desinteressada e o debate profundo, reduzindo o saber a créditos a cumprir e artigos a publicar — uma máquina de transformar corpos e mentes em ferramentas utilitárias de reprodução de conhecimento superficial e igualmente utilitário. Paralelamente, a impessoalidade do não-lugar fragmenta o conhecimento em disciplinas estanques e esvazia os corredores do debate espontâneo, impedindo a formação de uma comunidade de aprendizes, à exceção de parques oásis em que a convivência real existe. Ao priorizar a eficiência em detrimento do convívio e a produtividade em vez da profundidade, a universidade se priva do tempo lento da reflexão e do espaço fértil do encontro — os únicos ambientes onde o conhecimento verdadeiramente brota. O que resta é um simulacro: um saber estéril, desconectado das grandes questões humanas, que não acolhe e, por isso, não consegue reter os espíritos mais brilhantes, que fogem do desencanto em uma quase sempre frustrada busca de um autêntico lar para suas ideias.

Sobre o autor

Esse texto foi escrito por Marcos Gabriel

O Fim do Universo: Reflexões sobre a Morte, a Consciência e a Eternidade

Uma abordagem humana de uma morte fria e lenta de algo que nunca viveu



GLASS-213 fotografada pelo Telescópio Espacial James Webb (JWST). É considerada a galáxia mais distante já observada, com uma idade estimada de 13,5 bilhões de anos

"A morte é a musa da filosofia"
-Schopenhauer

A humanidade ponderou por muito tempo o que a morte é, chegando a inúmeras conclusões, mas o fim não é algo claro, nunca foi e talvez nunca será. A morte tem como uma de suas definições “a interrupção definitiva da vida de um organismo”, o universo não é literalmente vivo e certamente não é um organismo. Porém, ao aplicarmos um olhar humano à sua grandeza, ele parece ganhar uma semelhança com um ser vivo.

O universo, em sua vastidão e complexidade, parece ecoar vida, como se sua evolução, interações e eventual fim refletissem o ciclo de um ser vivo. A morte é algo que se faz cotidiano para o humano, é seu fim, ou para alguns, o recomeço, mas está no dia a dia pensar sobre, é

algo inevitável, alguns negam e outros pensam sobre e usam da filosofia como uma eutanásia.

*"Não temas o decreto da morte.
Lembra-te do que existiu antes de ti,
e do que virá depois de ti"*
(Eclesiástico 41,5)

A Dona é algo que fez muitos tremerem, o fim é horripilante pois dentro do nosso ser o medo do incerto está instalado, quando tomamos noção que o fim existe, logo em seguida pela nossa natureza queremos saber o que vem depois.

No universo o fim por muitas vezes é um recomeço, o fim de uma estrela é o começo e a formação de outros corpos, isso também é visto na Terra quando um organismo morre, os seus restos são reaproveitados pela terra, toda matéria no universo encontra esse destino familiar.

Mas essa é apenas uma abordagem do fim material. Para onde vai nossa consciência é o que nos mantém acordados à noite e isso é algo que foi e vai provavelmente continuar incerto. Saber que nossos átomos vão um dia compor outra coisa é quase certo, a consciência é onde está quem somos de verdade e para onde ela vai é o que queremos saber, se você não crê em nada, a abordagem que voce vai usar é, ela vai o nada assim como antes de existir você no nada estava, na morte você vai novamente para esse nada.

O fim de um indivíduo chega, mas isso não significa o fim de tudo. É apenas mais um pôr do sol, e, mesmo sem esperarmos, o sol surgirá novamente, com a mesma intensidade. O pôr do sol possui sua beleza, pois é ele quem dá significado ao dia. O que seria de um dia sem o pôr

sol possui sua beleza, pois é ele quem dá significado ao dia. O que seria de um dia sem o pôr do sol? A vida cairia em um vale de monotonia e fastio, sem propósito. A morte, quando não vem nos nossos melhores anos, nos encontra no momento propício. Para o nosso universo, o fim não é necessário, mas também não é desnecessário, é apenas o curso natural das coisas.



Ruínas de Remanso velho Bahia, cidade inundada pelo Lago de Sobradinho...

*"E assim, algum dia,
As imponentes muralhas do vasto
universo,
Cercadas por forças hostis,
Cederão, enfrentarão a decadência
e desmoronarão em ruínas..."
(Lucretius. De rerum natura)*

O que nos pertence, aquilo que conhecemos como nosso irá morrer de vários jeitos, o tempo enquanto avança leva junto com ele tudo que conhecemos, o nosso sistema solar, nossa galáxia e até mesmo as constelações já não vão mais existir do jeito que conhecemos, o futuro é outro lugar. A gente pode visitar um local uma, duas, três vezes mas em nenhuma dessas vezes você vai visitar o mesmo local pois o tempo age, o ferro oxida, a rocha carcome e o rio a terra invade.

Mas isso torna o universo outro universo? Não, o nosso universo vai mudar, mas suas leis, sua es-

sência ainda vai estar ali, assim como uma pessoa não muda quem ela é quando muda em aparência, trejeitos ou dogmas, o nosso universo fundamentalmente vai se manter até o fim.

Então onde está a morte? A morte está contida no fim, uma frase banal e até óbvia, porém, não é o fim da humanidade e sim o fim de tudo.

A seta do tempo afeta o nosso universo como um todo e se a segunda lei da termodinâmica for verdadeira, no nosso universo a degradação avança junto, sempre na mesma direção. A Segunda Lei da Termodinâmica afirma que a entropia de um sistema isolado sempre tende a aumentar. Isso significa que, com o tempo, a desordem em qualquer sistema cresce, o tornando menos capaz de sustentar mudanças organizadas ou produtivas.

Imagine que temos Jobim uma pessoa bem desastrada, pelo menos uma vez ao ano Jobim deixa a sua caneca favorita cair e todo ano ele a cola, só que toda vez que ele cola, um dos pedaços fica tão fragmentado que não pode mais ser aproveitado. Todo ano esse processo se repete e depois de um certo tempo Jobim vai ficar com uma quantidade de fragmentos inutilizável em um lado e do outro com uma caneca colada. Se Jobim viver uma vida extensa, eventualmente ele não vai conseguir novamente montar sua caneca predileta, não haverá mais pedaços que possam ser utilizados.

A situação do nosso universo é semelhante a de Jobim, ele o tempo todo está criando algo, mas para criar algo novo, perdemos um pouco de recurso, em algum momento não teremos mais recurso para modificar a entropia e assim, se o universo existir por tempo suficiente todo seu recurso vai ser esgotado resultando em um estado de máximo caos. Isso significa que o universo atingirá um equilíbrio no qual só vai restar calor,

onde toda a energia útil já se dissipou.

Na evolução estelar, quanto mais velha a estrela, mais elementos pesados ela vai ter. Quando chegar no ferro ela dá o último suspiro para partir em direção a morte e, em vez de liberar energia, os núcleos de ferro na verdade vão absorver energia, criando assim um desequilíbrio na estrela e acarretando o fim de sua criação. Assim, chegando em sua última fase ela terá vários futuros possíveis: um buraco negro, uma anã branca ou uma estrela de nêutrons. Entretanto, nenhuma dessas vai realmente criar material para o universo reutilizar, apenas queimar até sumir.

Uma hora nosso universo não vai ter recurso para fazer algo novo, um dia tudo que sobrar, serão buracos negros e anãs negras. Depois que a última remanescente estelar queimar, e o último buraco negro evaporar não haverá mais recurso, o universo não conseguirá mais formar algo novo e assim só sobrar calor, uma morte térmica do universo.

E se, ao invés de uma expansão eterna, o universo decidisse regressar ao seu ponto de origem? O Big Crunch propõe exatamente isso; um colapso cósmico em que a gravidade, eventualmente, superaria a energia escura e inverteria a expansão. Nesse cenário, as galáxias começariam a se mover umas em direção às outras. As estrelas, antes dispersas, colidiriam em explosões de luz e energia. A matéria se fundiria em massas densas, e o próprio espaço-tempo começaria a encolher, culminando em uma singularidade semelhante ao estado primordial que deu origem ao Big Bang. Seria um ciclo, um eterno recomeço? Talvez. A ideia de que o fim do universo possa também ser seu renascimento é, de certa forma, reconfortante. Um eterno pulsar, como uma respiração cósmica que nunca cessa. Mas, e se o universo não apenas se expandisse, mas se expandisse de forma tão acelerada que destruísse tudo em seu caminho? O Big Rip sugere

um fim onde a energia escura, ao invés de desacelerar ou se equilibrar, se tornaria dominante e implacável. Primeiro seriam as galáxias a se separarem, incapazes de resistir à força da expansão. Em seguida, os sistemas solares se dissolveriam, as estrelas se despedaçariam, os planetas seriam desintegrados. Até mesmo os átomos, a própria estrutura da matéria, seriam rasgados.

O universo, nesse cenário, não colapsaria em si mesmo, nem entraria em equilíbrio. Ele simplesmente seria destruído, até que nada restasse. A estrutura do espaço-tempo seria desfeita, em um fim tão absoluto quanto horripilante.

Mas se a degradação do universo é inevitável, o que isso significa para nós? Não somos apenas observadores passivos desse destino cósmico, mas uma parte necessária dele. Se toda a matéria um dia se dissipará, nossa existência, por menor que seja no grande esquema das coisas, ainda carrega um significado próprio. Se o universo caminha para o caos absoluto, qual é o sentido de nossa breve consciência dentro dele?

Nossa breve consciência, embora pequena diante do universo, ganha significado ao refletir sobre o próprio destino. O sentido da vida não está em evitar o caos, mas em encontrar beleza e valor no presente, mesmo sabendo que tudo é transitório. Ao reconhecer nossa temporalidade, conseguimos dar significado ao efêmero, criando um legado que transcende o inevitável fim.

Mas para aliviar nossos corações, essas hipóteses só se tornarão realidade após múltiplos bilhões de anos. Quando isso acontecer, talvez a humanidade já não exista há muito tempo. Nossa estrela, como todas as outras, também terá seu fim. Antes disso, se tornará uma gigante vermelha e engolirá os planetas rochosos próximos, incluindo

do a Terra. Talvez possamos sobreviver além disso com o auxílio da tecnologia, mas, mesmo assim, somos frágeis. Quando deixarmos de existir, outra espécie pode estar dando seus primeiros passos em algum lugar distante. Para nós, humanos, isso seria o fim do universo. Mas o cosmos continuará, indiferente, por bilhões e bilhões de anos. Atrair a morte do universo à extinção da humanidade é um erro. É centrar nossa espécie como a razão do cosmos. A morte da humanidade será apenas o fim de uma perspectiva única sobre o universo. Ainda assim, será uma perda imensa. Mas, talvez, longe daqui, uma nova civilização surgirá, olhará para ele e perceberá que também é uma parte do todo.



A Terra vista de uma distância incrível, um 'pálido ponto azul' no vasto universo, lembrando-nos da fragilidade e beleza do nosso planeta.

Diante de todos esses cenários apocalípticos, uma verdade permanecera a nossa existência, tão breve e limitada, é um milagre de consciência diante da imensidão do É extraordinário que, em meio a um universo vasto e aparentemente indiferente, tenhamos surgido para contemplá-lo, para questionar a sua origem e o seu destino. Pensar sobre o fim do universo nos leva, inevitavelmente,

a refletir sobre o nosso lugar dentro dele. Enquanto estrelas nascem e morrem, enquanto galáxias colidem e buracos negros consomem tudo ao redor, nós somos a única forma conhecida de matéria capaz de parar, olhar para o céu e se perguntar: "Por quê?".

A consciência humana é um evento raro e frágil, mas, ao mesmo tempo, carrega um poder incomensurável. É através dela que o cosmos se torna autoconsciente. De certa forma, ao pensarmos sobre o universo, o universo está pensando sobre si mesmo. Essa capacidade de refletir, de filosofar e de criar é, em si, uma vitória contra o vazio. Mesmo sabendo que tudo terá um fim, nós, a Terra, o Sol, as galáxias, seguimos criando arte, ciência e cultura. Enchemos nossa brevidade de significados que desafiam o caos ao nosso redor. Somos como uma vela acesa em uma vastidão escura, com a chama tremulando contra o vento, mas, ainda assim, ardendo com intensidade. Talvez a ideia do fim do universo, ao invés de nos assustar, deva nos lembrar da preciosidade do agora. Cada instante que temos é uma chance de nos conectarmos, de vivermos com propósito e de darmos significado ao que parece absurdo. Pois, mesmo que sejamos poeira de estrelas, somos também o breve momento em que a poeira se organiza para amar, criar e sonhar.

Se o cosmos é indiferente, isso não diminui o fato de que nossa consciência, por menor que seja no grande esquema das coisas, é capaz de gerar beleza e significado. Não somos apenas testemunhas do cosmos; somos participantes de sua dança. Ao transformar matéria e energia em pensamento e criação, a humanidade deixa marcas, por mais efêmeras que sejam, nesse grande palco cósmico.

Portanto, que a ideia da morte do universo não

nos leve ao desespero, mas, sim, à apreciação daquilo que temos agora. Que ela nos inspire a valorizar o presente, não como um intervalo antes do fim, mas como um momento singular de existência que merece ser vivido em sua totalidade. Pois, no fim, somos todos parte do mesmo destino o de sermos breves fragmentos conscientes em um universo vasto, misterioso e, talvez, eterno em sua essência.



Imagem do Deep Field, capturada pelo Telescópio Espacial James Webb, mostrando milhares de galáxias distantes. Crédito: NASA, ESA, CSA e STScI, 2022.

Talvez o maior legado do universo não esteja em sua morte inevitável, mas no raro e breve momento em que permitiu que seres conscientes emergissem para contemplá-lo. É nesse vislumbre fugaz que encontramos significado, não porque o cosmos nos

ofereça algo, mas porque escolhemos dar sentido a ele, mesmo em sua indiferença.

Bibliografia:

1. RAIKHEL, Eugene; LOCK, Margaret. Herdeiros da história: genealogias da moralidade no corpo e na mente. *Ethic@ - Revista Internacional de Filosofia da Moral*, Florianópolis, v. 11, n. esp. 1, p. 187-209, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2012v11nesp1p187/22997>.
2. ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Entropy and heat death. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/thermodynamics/Entropy-and-heat-death>.
3. VENKATESH, B. Heat Death: The Ultimate Fate of the Universe. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299618320_Heat_Death_The_Ultimate_Fate_of_the_Universe.
4. SAGAN, C. *Cosmos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.
5. HAWKING, S. W. *Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros*. 1. ed.
6. DAVIES, P. (1995). *The last three minutes: The story of the ultimate fate of the universe*.

Sobre o autor

Esse texto foi escrito por Remanso



Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?

Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!



Coletânea de Artes

Aprecie algumas obras de artes produzidas pelos alunos do Instituto!

A garça

Maria Dressano

Fazendo o caminho de casa enquanto o sol se erguia e o cegava por instantes com feixes incontroláveis vindos da janela do trem. Todos no vagão iam a algum lugar enquanto nosso personagem voltava. Todos iniciavam agora o dia enquanto para ele ainda era ontem.

Sendo o único viajante do passado presente, o sentimento que lhe restava era curiosidade sobre como as coisas se apresentavam no futuro. Como se portavam as pessoas que tiveram um ontem antes do dele e que agora viviam o amanhã como hoje? Saberiam elas de algo novo? Poderiam salvá-lo do destino incerto que lhe aguardava ao dormir e acordar já dentro de uma realidade diferente?

O peso de tantos questionamentos o fez apoiar a cabeça na barra à sua esquerda. De repente o chiado do trem arranhando os trilhos doeu-lhe os tímpanos e seu estômago se embrulhou com terror, como se estivesse ele mesmo ali, sendo despedaçado por aquelas rodas furiosas.

Ainda atemorizado pela terrível morte, começou a ouvir subitamente um flautista que passava pelo vagão. O soar da flauta parecia alcançá-lo mesmo de onde estava, um dia atrasado. As notas tocavam-lhe o rosto graciosamente e expulsavam lágrimas ressentidas, descontentes por se fazerem cair à luz de um mundo que não mais sofria pelo mesmo. Estava então sozinho, perdido na agonia banal já superada.

Porém, se todos ali sobreviveram a dor de ontem, se bem em sua frente podia ver sinais de que a vi-

da continuava, não seria esta uma garantia de que ele também conseguiria? Sua vida estava certa, pelo menos até amanhã.

Andando pelas ruas, que a princípio lhe pareciam as mesmas, uma ansiedade agonizante parecia lhe corroer. Uma ânsia o fazia procurar violentamente por algo que teria mudado, por alguma coisa diferente que lhe provaria que o dia não era mais o mesmo e que a vida prosseguiu enquanto estava fora. Afinal deveria ter ela continuado, ou seus erros logo acordariam e tudo ainda permaneceria o mesmo. Porém a realidade parecia desafiá-lo, nada lhe daria a confiança de uma certeza, tudo estava como da última vez que às viu: A senhora com cabelos encaracolados que sentava em frente à sua casa aos domingos e o olhava com interesse, o badalar do presépio que anunciava a missa que se iniciava às 7 e as mulheres com véus brancos e saias longas, a estreita viela por qual passava e o pequeno gato que sempre acompanhava a fachada de um bar próximo.

Já frustrado pela monotonia e invariância da realidade, seu olhar baixou em submissão, pronto a aceitar o que agora parecia imposto. De repente algo o fez erguer a cabeça, e no córrego próximo que sempre cruzava, já muito deteriorado por dejetos e com um fraco curso de água que tentava prosseguir em meio a imundícies, se estendia a figura esguia de uma garça branca.

Ela também pareceu notá-lo imediatamente, permanecendo estática com uma promessa de ameaça, mesmo com a considerável distância que os separava. Naquele ambiente escurecido pela sujeira seu corpo claro lhe denunciava e a fazia destoar completamente, como um elemento que

também não pertencia. Como ele, de um tempo não tão distante, mas que o separava, que o impedia de alcançar completamente o que agora chamavam de vida.

Existe um tipo de miséria incomunicável. Não há como expressá-la ou tentar descrevê-la sem ser pego na intransponibilidade da língua. A única forma de reconhecê-la ou compartilhá-la é por similaridade, pelo encontro de outra criatura que morre pela mesma bala.

Apresentava-se ali então um encontro singular, um fio inefável os ligava e assim confirmava o que ele já temia: O mundo estava completo e ele estava de fora!

Enquanto todos dormiam e ele vagava haviam de alguma forma o posto para fora do laço que envolvia o reconhecível e humano. Agora restaria apenas ele e esta garça que lhe condenava pela simples existência? Podiam vê-lo e ouvi-lo, mas sempre com apatia, sempre como um sub humano que não compartilha do essencial a uma comunidade: sincronia.

Enfim, virou às costas e seguiu para casa, com o peso de um coração que tiquetaqueava em um ritmo distinto, atrasado, fora de passo.

Sobre o autor:

Maria Dressano é aluna do bacharelado e declara ódio ao livro didático 'Física Quântica' de Eisberg e Resnick.

Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?

Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!



Kremlin

Vinícius França

Ando por entre caminhos sem fins
Começam no fim do mundo e se trilham em meio
ao fogo
Parece que o caminho é eterno, e o jeito é desistir
E desistir é o que termina o nosso jogo

As fortalezas que crescem em meio às confusões
Levantam espinhos que perfuram nosso inculto
Escrevo cadernos cheios de confissões
Para dizer que eu não pertencço a esse mundo

Olho outros lados para ver outras pontes
E ver se chego em novos horizontes
Entrando por portas para chegar ao Infinito
Queimando as fortalezas de todos os inimigos

Sou o passado do futuro e o futuro do presente
Sou o mundo te esperando do outro lado da
corrente
Ao chegar, feche as janelas e tranque as portas
Pois quando o vento entra, ele leva tudo embora

Saudade

Covões

Sentimento, uma emoção,
A última a se sentir,
Única que todos sentem sem ser,
Dentro de si.
Atividade, ou não, do amor,
Doa sem sofrer dor
Enfim, ao fim do enredo.

Saudade.

Reconcilio paulistano

Luiz Gustavo Silva Almeida

Reconcilio, ou, acerto de contas com o desacerto;

Como poderia negar-te de uma penada, se este teu inverno sou? O calor busco pois o frio é meu: mas então é no frio que posso ser. E o calor me seria estranho, e o fogo me queimaria: teria então de congelar o fogo, e é em verdade que só busco flamas por não ser, eu mesmo, flama ou dos que se regozijam com flamas;

Como poderia negar-te de uma penada, se é tua brisa praiana que sou? Brisa praiana, tarde nublada: não vejo-me no espelho. Me aflijo pelo verde, mas só posso afligir-me por ser eu mesmo folha seca, e ao verde não pertencer. Então o próprio verde significa para mim um querer que não se pode ver satisfeito: pois não pertença ao verdume;

Como poderia negar-me de uma penada se é em mim que gozo? Só posso desejar-te por não ter-te, e em verdade se a tivesse não seria a mim, mas então nem tu mesma te serias. E tu me serias estranho, e o calor, e o verde: só n'onde não é que posso ser, e é no amarelo que estou;

Está frio e chuvoso. Não gosto disto que está: este inverno que regurgita a si mesmo nos últimos suspiros choca-se com as primícias de uma primavera ansiosa: tem-se então o negror destas pesadas nuvens a chocar-se com o lilás encantador das pequenas flores. Não sou este choque: é prisão para mim todo este diferenciar desavergonhado e vingativo;

Busco uma angústia última que já de absoluto me encontra. Ser livre: mas é exatamente por isto que devo sofrer, pois que o ser-livre sofre pela possibilidade da prisão. Não porque teme ser preso, mas porque flerta com uma tal eventualidade. Prisão é morte, e é a isto que todos buscamos: não é a vida pesada demais para nós?

Temo que sejam estes os termos de meu contrato. Meu reconcilio é antes uma denúncia: denúncia de minha própria covardia. Sei exatamente como as coisas se me apresentam, mas como poderei enfrentá-las? Não: me parece mais confortável morrer. Nos termos do homem, a morte: felicidade, adaptação;

Nego a morte enquanto estou ainda acordado. Nos poucos momentos em que durmo sonho com coisas inatingíveis. Sonho com você, em um certo sentido, mas não desses sonhos de amor: sonho que falas. Sim, não a vejo, não a sinto. A ouço. E tu me fala e condena e destrói, me destitui de toda alma. A caneta que assina minha alforria me obriga a renegar o sofrer. Mas o fogo que me queima me aquece;

Como poderia negar-te de uma penada? Não é por ti que escrevo. Agora me desafogo de ti, por um momento. Um pequeno momento, momento em que te odeio. De fato, meu amor já não é mais daqueles sorridentes, mas um amor de sono – amor de toca e casco. Me arrasto a ti e escolho, sou quase puritano. Esta imagem mesma já se perdeu de valor para mim: meu puritanismo era, outrora, uma mentira, e no agora se perdeu no desimportante. Mas exatamente por isso é puritanismo posto;

O valor se perde porque já vislumbro a liberdade.
Mas porque vislumbro a rejeito, me agonizo, a nego, a atiro para longe como uma criança de colo – porque me ameaça o colo. Você deve gozar-me pelo que digo e faço. Quem sabe não sou mesmo tacanho, inexperiente, vulnerável demais em minha própria tolice? No fundo também conheces minha verdade – nem tu me podes negar de uma penada. Mas eu tenho que me livrar de ti se quiser ser livre. Será possível que nos aprazemos pela dor em si?

Serei livre, e no entanto continuarias não sendo para mim uma imagem, um símbolo. És, para mim, ainda que não sejas nem mesmo para ti. É a ti que falo, e falo profundamente. Mas meu falar é um tanto escondido, um tanto envergonhado, um tanto sutil e fugaz. Quem sabe encontrarás-me em ti algum dia, e então eu mesmo já me verei livre, ou seja, nada!

Não penso em nada. Por que, então, não consigo dormir?

Sobre o autor:

Luiz é bacharelado pelo IFUSP e mineiro.

Degradê

ruhtrA

Eu caminho em curvas
Perco meu respeito em estruturas
Resplandeço em novas torturas
Mas eu amo minhas fissuras
E me envolvo em todas as rasuras

Já não pertenço ao tempo
Pois todo momento é extenso
E não me ensinaram a contar direito
Realmente eu nunca aprendo
Mas sempre entendo

Sei que não sou atento
E muito pouco aos detalhes me prendo
Não sei ler diante de todo o talento
E desconheço o que não é intenso
Eu vivo sobre o relento
E me desmistifico através do vento

Você me disse que teria verdade
Mas eu não sou uma realidade
Eu sou todas as idades
E não reflito suas qualidades
Um pouco da sua vaidade
Já vai até que tarde

E nos contatos infantis eu me faço
E tão logo vejo o seu olhar escasso
Por pouco deixo passar seu compasso
Nunca me imaginei no mesmo espaço
De alguém que justifica até o próprio calço

E em jogos escondo alguns trajetos
Você bem conhece meus objetos
Eu sou um conjunto de expressos
De um mundo que eu mesmo regresso
Queria aprender mais sobre o ingresso
Para novas paraísos onde me torno complexo
Mas isso são só palavras bonitas para o desconexo
E todos sabemos que o interno é imerso

Nas águas profundas dos medos eu me engesso
E de lá só sairei se me arrancarem do avesso
Existe mesmo uma receita para o sucesso?

Em estatuetas eu me compreendo
E agora quase sei quem sou
Meu corpo não é mais minha alma
E eu já não escondo meus riscos
Com efeito, eu só cismo
Perco tudo se precisar
Deixo as medalhas e o dinheiro
Para cortejar meus bueiros
E se um dia nu apareço
Então que seja por inteiro
Não gosto de cortar sentimentos ao meio
Veja meu ser por completo
Ou me deixe vagando quieto

Não preciso mais deixar a água passar
Pela minha cabeça ela vai me afogar
Todas as memórias preciso largar
E aos poucos voltar a flutuar
Existe um mundo além de desejar
E não há hora para decifrar

Eu amo o ato de estar
Eu odeio o ato de parar
Mas quando meu cerne congelar
Em pedaços vou ficar
E nas palavras quero me condensar
Parece pouco para almejar
Mas no final e no altar
Não existe força para contra-atacar
Eu quero mais do que o mundo pode me dar
E se para isso eu tiver que me quebrar
Então deixe cada pequena parte de mim estilhaçar

E em tons transparentes meu coração ficará.

Sobre o autor:

ruhtrA é aluno do bacharelado



Cerejeiras de julho

Palloma Pyetra

Arte Visual



Mikezinho

Palloma Pyetra

Arte Visual



Fome

SM

Arte Visual



Passarela da Eng. Mecânica 1

Hugo Menhem

Arte Visual



Passarela da Eng. Mecânica 2

Hugo Menhem

Arte Visual

Repases dos Representantes Discentes

Reunião Ordinária da Comissão Organizadora do Bacharelado

O principal tópico da reunião de agosto (+ uma reunião extra com os RDs (Representantes Discentes) no dia 20/08) foi a respeito de mudanças na grade curricular do Bacharelado.

O cadastro das disciplinas atualizadas (Introdução à Termodinâmica, Física I, Física II, Física III, Física IV, Física Quântica, Física Experimental III-IV), com mudanças também nas ementas (as citadas + Mecânica I-II, Mecânica Quântica I-II, Eletromagnetismo I-II) exigiu que todo o texto que fosse para o JúpiterWeb fosse reescrito, bem como a alocação do semestre ideal + requisitos para cada uma das disciplinas.

Na reunião, os textos escritos pelo prof. Alexandre foram aprovados com unanimidade.

No dia 20/08, em reunião com os RDs, foram levantadas algumas pautas, a listar:

I) Mudança do semestre ideal de Mecânica Estatística. A pedido do prof. André Vieira, a ideia inicial seria trocar Mecânica Estatística do 5º para o 8º período no noturno, e do 6º pro 7º no integral. Problemáticas envolvidas:

I. 1) surpreender possíveis formandos e prejudicá-los; solução: solicitar à CG um possível oferecimento "duplo" de Mecânica Estatística em 2026.1

I. 2) O quinto período do noturno passa a ter como obrigatórias as disciplinas de Física Matemática I e Física Experimental V. Para que os estudantes cumpram o mínimo de 12 créditos exigidos pela USP, devem ser oferecidas disciplinas optativas em número adequado.

II) Requisitos de Introdução à Física Computacional I (agora obrigatória do 2º sem. ideal, no lugar de MAC0115). Como MAC0115 não possuía requisitos, a ideia era manter a mesma coisa. No entanto, por experiência prévia dos RDs, foi sugerido que ao menos a disciplina de Física I fosse requisito para a mesma, dado que as situações físicas exploradas necessitam uma noção básica. Cálculo I não foi colocado como requisito a pedido do professor, que argumentou que as possíveis deficiências da disciplina de Cálculo I poderiam ser supridas sem grandes dificuldades. Como o número de reprovações na disciplina de Cálculo I costuma ser especialmente maior, este foi levantado como um motivo para não incluí-lo como requisito na disciplina mencionada, a fim de evitar atrasos no curso.

Sobre o autor

Ryan Issa Sabha de Oliveira e Letícia Longo Pires de Moraes são alunos do bacharelado em física e RDs da CoC-bach.

Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?

Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!



Reunião do Grupo de Trabalho de Revisão do Regimento Interno de 4 de Setembro

Você sabia que o IF tem um regimento interno? O Instituto de Física assim como as outras unidades de ensino da USP possui um regimento interno, isto é, um conjunto de regras que orienta todos os ritos e processos de andamento de reuniões das comissões internas do instituto, bem como das comissões (como COC, CG, CPG), contratação de professores, admissão de alunos de pós-graduação, aprovação e modificação desses mesmos procesos, etc. Nosso regimento interno delinea todos esses ritos com base no regimento interno da USP e na legislação estadual vigente.

Em busca de atualização do nosso regimento interno, que não passa por uma revisão sistemática desde 1994, criou-se um Grupo de Trabalho para andamento deste trabalho. Esse Grupo conta com a participação de professores e dois estudantes, uma aluna de graduação e um aluno de pós [se quiser pode colocar nossos nomes].

Na quinta-feira do dia 04 de setembro, houve a primeira reunião deste GT. Estávamos presentes eu (Franção), a Kaline, o Luis Gregório (presidente da CG até semana passada) a Beth (Coordenadora da Fismed) e mais dois outros professores.

O regimento do IF é antigo e a última grande revisão dele foi realizada em 1994, com adições e alterações desde esse ano até hoje. Algumas tentativas de alteração desse documento não passaram pois existe a necessidade de 2/3 de quórum (não lembro se de professores/funcionários/alunos) para aprovar as mudanças.

Entre algumas das mudanças sugeridas estão a redução de número de participantes da congregação, revisão de composição da CG, das COCs, mudança de nomes de organismos da instituição (tais como CPQ para CPQi e as comissões de relações nacionais e internacionais), formalização de participação de funcionários nas comissões e nos departamentos).

A proposta é a modificação do regimento em blocos, sendo (em ordem de importância segundo a Kaline e presentes)

1º Bloco: CG, COCs, CRNINT, CPQi (com base e m orientação da reitoria)

2º Bloco: Revisão de etapas de concurso de professores (falaram bastante sobre a prova eliminatória acadêmica e avaliação de projetos de pesquisa)

Outros Blocos: Tópicos além dos outros dois primeiros. Aconselharam que cada setor analise o regimento, se possível, no que diz respeito a sua própria categoria (ex.: eu Franção ficaria responsável por ler em detalhes e propor alterações em tópicos sobre pós graduação)

Marcamos uma nova reunião para decidir o presidente dessa comissão de revisão de regimento e a previsão é que até março os dois primeiros blocos estejam prontos para ser avaliado pelos departamentos do IF, ser votados em comissões e enviados para avaliação da universidade

Aparentemente temos apoio jurídico para avaliar a legalidade das mudanças propostas.

Sobre o autor

Vinicius Franção é aluno de pós-graduação no Departamento de Física Matemática, presidente do Cefisma e militante da UJC/PCBR.

Reunião Ordinária da Congregação de 28 de Agosto

O primeiro tópico da reunião foi a apresentação de um projeto do professor Rodrigo Bissacot do IME-USP, representante dos professores associados no Conselho Universitário (CO). O projeto em questão não foi levado para votação, apenas apresentação e busca por apoio do IF-USP por parte do professor Rodrigo Bissacot para que seja colocado em pauta do CO. A proposta é sobre “valorização de docentes e funcionários sem impacto na sustentabilidade financeira da USP”.

A proposta em questão tem como carro chefe uma modificação no regime previdenciário dos docentes e funcionários USP, de forma que seja bonificado o funcionário que entregar e/ou realizar projetos relacionados a ensino, pesquisa ou extensão. Apesar de parecer competitivo, o professor Bissacot enfatizou que não se trata disso e que não haverá um ranqueamento. Para conseguir a verba sem que atinja a dita “sustentabilidade financeira”, a ideia é utilizar da reserva de juros anuais da USP, que conhecidamente não é pequena. Vinte e uma unidades já se posicionaram favoráveis ao projeto, dentre elas a FM-USP, a Escola Politécnica e o IB-USP. Para acessar a proposta na íntegra, foi disponibilizado o link <https://tinyurl.com/gratificacaoreservas>.

Após essa apresentação, os assuntos ordinários para votação entraram em pauta, como a homologação aprovada das professoras Valéria Silva Dias (IF-USP) e Maria Elena Infante Malachias (EACH-USP) como presidente e vice-presidente, respectivamente, da Comissão de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. Além disso, também foi aprovada a homologação do professor João Carlos Alves Barata como o representante su-

plente do DFMA na Comissão de Graduação e do professor Oscar José Pinto Éboli como suplente do DFMA na Comissão de Pesquisa.

Também ocorreu a eleição das chapas de presidente e vice-presidente para as comissões graduação (CG), pós-graduação (CPG), pesquisa (CPq), cultura e extensão (CCEX) e inclusão e pertencimento (CIP). Em todas as comissões houve apenas chapa única e portanto os novos presidentes e vice-presidentes são:

1. CG

- a. Prof^o Oscar José Pinto Éboli (presidente)
- b. Prof^o Alexandre Alarcon do Passo Suaide (vice-presidente)

2. CPG

- a. Prof^o Marcio Teixeira do Nascimento Varella (presidente)
- b. Prof^o Marcelo Martinelli (vice-presidente)

3. CPq

- a. Prof^o Valdir Guimarães (presidente)
- b. Prof^o João Carlos Alves Barata (vice-presidente)

4. CCEX

- a. Prof^o Daniel Reinaldo Cornejo (presidente)
- b. Prof^o Nilberto Heder Medina (vice-presidente)

5. CIP

- a. Prof^o José Fernando Diniz Chubaci (presidente)
- b. Prof^a Nora Lia Maidana (vice-presidente)

Enquanto as eleições ocorriam eletronicamente, foram votados diversas bancas de concurso para professor e também a aceitação das inscrições. Vale lembrar que também foi votada e aprovada a adesão do IF-USP às novas regras do Estatuto e Regimento Geral da USP referente aos concursos para docentes. Com as novas normas, agora a ban-

ca do concurso deve seguir o pedido da vaga e não dos inscritos, isto é, a banca para um concurso de Professor Doutor pode ser composta por professores doutores, associados e titulares, mesmo que nos inscritos tenha um titular em outra universidade. Antes da adesão, caso houvesse um professor titular dentre os inscritos, toda a banca deveria ser composta por titulares.

Além disso, as novas regras também permitem que a prova eliminatória dos concursos seja uma prova escrita anonimizada para a banca e/ou uma análise do projeto acadêmico, que deve incluir ensino, pesquisa e extensão. Essa nova mudança é uma boa medida para conter o avanço dos chamados “pára-quedistas”, que são supostos doutores que se inscrevem em concursos para desmoralizar e fazer chacota da universidade, seja causando desordem ou difamando a banca no momento da prova, com o objetivo de tirar do sério a banca propositalmente, gravar e publicar nas redes sociais. Tal movimento não é exclusivo do IF-USP e foi relatado em todas as unidades USP, entretanto nenhuma medida foi tomada com o objetivo de barrar abertamente esse comportamento, mesmo quando claramente o currículo de um inscrito em concurso é claramente charlatão.

Ademais, as pautas de expediente foram colocadas e dentre elas a mais importante é a criação do Grupo de Trabalho para o Regimento do IFUSP. O GT em questão tem como objetivo reformular o regimento interno do instituto, visto que, tal como o PPP anteriormente, está desatualizado e carente de diversas adições para prever ações a serem tomadas que não estão previstas no atual regimento. Fazem parte do GT as seguintes pessoas:

- Prof^{fa} Elisabeth Mateus Yoshimura (Coordenadora);

- Prof^o André Machado Rodrigues, pelo DFAP;
- Prof^o Antônio Martins Figueiredo Neto, pelo DFEP;
- Prof^o Carlos Eduardo Fiore dos Santos, pelo DFGE;
- Prof^o Gustavo Alberto Burdman, pelo DFMA;
- Prof^o Luís Gregório Godoy de Vasconcellos Dias da Silva, pelo DFMT;
- Prof^a Edilaine Honório da Silva, pelo DFNC;
- Sr. Demóstenes José de Melo, funcionário não docente;
- Sra. Elisa Torrecilha Costa Pinto, discente da graduação;
- Sr. Vinícius Silva França, discente da pós-graduação.

Na parte de comunicação das comissões, a diretora Kaline informou que a semana da física será contabilizada como Atividade Acadêmica Complementar para o sistema JúpiterWeb. Além disso, a CCEX informou que a reitoria deve recompor o número de bolsas PUB para a categoria de extensão. A Kaline em seguida informou que caso a reitoria não o faça, o instituto fará.

Sobre o autor

Guilherme Aciron Loureiro Lancaster de Torres é representante discente junto a comissão de graduação

Reunião Extraordinária sobre a Semana da Física do dia 10 de Setembro

O professor Alexandre Correia, coordenador da comissão do bacharelado, chamou uma reunião junto dos representantes discentes da CoC-B (comissão organizadora do curso do bacharelado) e da CG (comissão de graduação). Na reunião tam-

bém estavam presentes o Representante da CoC-Lic (comissão organizadora da licenciatura) e um aluno com bolsa institucional para auxiliar com questões burocráticas.

Pelo que ficou entendido na reunião, o IFUSP quer que aconteça a Semana da Física mas que ela seja organizada pelos alunos, assim como a semana da Licenciatura e da Física Médica são (de acordo com o professor Correia). Os representantes da CG não estavam cientes que a responsabilidade cairia sobre eles também.

A semana esta planejada para acontecer do dia 22 ao 26 de Outubro. Os professores já foram informados e houve o pedido para que cancelem as aulas das 10h da manhã e as aulas todas do noturno. Entretanto, isso não foi uma imposição, assim é possível que alguns professores não sigam essa recomendação.

Ademais, é importante frisar que a Semana da Física contara horas AAC (atividade acadêmica complementar). Vale destacar que os alunos do bacharelado que ingressaram depois de 2023 devem fazer 60h de AAC, para mais informações no site da IFUSP em Manual do curso de bacharelado em física na aba de atividades acadêmicas complementares.

Nesta primeira reunião, algumas ideias foram levantadas sobre possíveis eventos. Dentre eles, fazer uma atividade junto do Acolhimento do IFUSP, fazer um Convite a Física, um evento junto de Docentes para perguntar para eles sobre suas experiências, Rodas de Conversa, Palestra/Conversa sobre AEX (atividades de extensão) e PPP (projeto político pedagógico).

Sobre o autor

Triz Persoli é representante discente junto da comissão de graduação e é vice presidente do Cefisma

Reunião do Grupo de Trabalho de Revisão do Regimento Interno de 9 de Setembro

A discussão principal foi sobre quem presidiria o GT (grupo de trabalho), visto que a profa. Elisabeth Yoshimura está em licença prêmio, esta para se aposentar, e não gostaria de presidir.

O prof. Luís Gregório sugeriu na reunião passada escolher ou o prof. Antônio Figueiredo ou prof. Gustavo Burdman, por serem mais experientes. Porém, o prof. Figueiredo também está para se aposentar e o prof. Burdman irá sair do país logo no começo do ano que vem, e já está pedindo que alguém do DFMA (departamento de física matemática) o substitua. Daí, a sugestão ficou para o prof. Luís Gregório presidir, pela experiência na CG (comissão de graduação), mas ele não estava na reunião de hoje para concordar.

Sobre o autor

Elisa Torrecilha é representante discente do grupo de trabalho de revisão do regimento e aluna do bacharelado em física



Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?



Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!

Repasse financeiro do CEFISMA de agosto

Agosto é um mês chave para a comunidade de física. Além de representar o início do segundo semestre, possui a festa mais tradicional do IFUSP, a Agostina, que é um evento extremamente custoso e trabalhoso para ser realizado. Como foi escrito nos repasses de maio e junho, estávamos guardando tempo e dinheiro para esse momento. O fato é que, financeiramente, a festa deu um Prejuízo com “P” maiúsculo. Só em agosto – pois parte da festa foi paga em setembro – utilizamos mais de R\$ 17.000,00 de nossas reservas e obtivemos pouco mais de R\$ 9.000,00 em vendas. O repasse completo sobre a festa e a opinião do CEFISMA sobre o evento está presente na matéria particular da Agostina, que está nessa mesma edição do boletim. Por agora, vamos falar dos outros gastos e receitas deste mês.

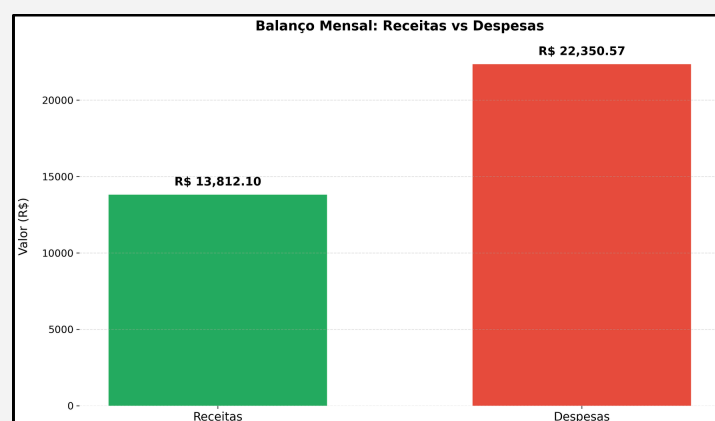
Voltamos a receber o valor total do aluguel, totalizando R\$11.524,30 em receitas desse tipo. O resto é a venda de produtos e a devolução do valor retirado no mês passado para manutenção do espaço Amélia Império (para mais informações, leia o repasse financeiro de julho).

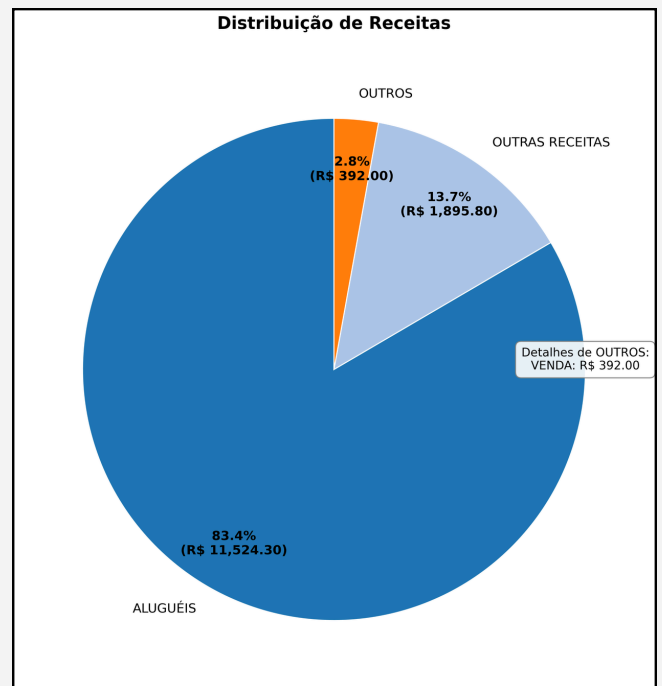
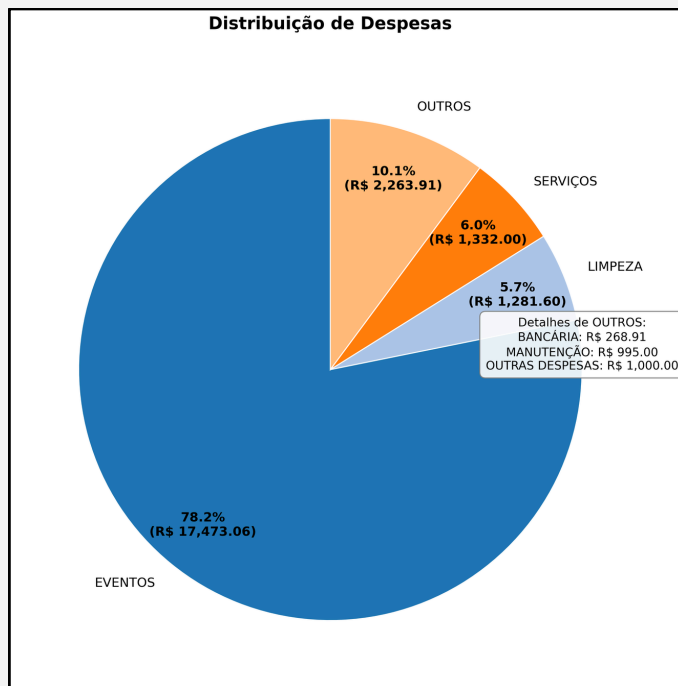
Voltamos a receber o valor total do aluguel, totalizando R\$ 11.524,30 em receitas desse tipo. O resto da receita veio da venda de produtos e da devolução do valor retirado no mês passado para manutenção do espaço Amélia Império (para mais informações, leia o repasse financeiro de julho). Além da despesa da Agostina, patrocinamos o evento do coletivo Prisma com comes e bebes – o repasse sobre esse evento também está na edição do boletim do ano passado.

Além disso, fizemos algumas manutenções no Amélia: arrumamos a mesa de ping-pong, arrumamos o freezer da secretaria e colocamos novas cordas no violão. Em breve, faremos uma reunião aberta para discutir reformas em nosso espaço estudantil. Algumas das nossas ideias são pintar o espaço, realizar uma oficina de grafite, trocar os sofás, reorganizar o almoxarifado e reformar o quadro de avisos que fica na parte de fora. E você, o que mudaria naquele espaço?

Como sempre, os gastos com serviços (Google, site) e funcionários (limpeza, produtos) se mantiveram praticamente os mesmos. Porém, devido à Agostina, não realizamos repasses financeiros para as entidades. Ainda assim, o balanço mensal ficou negativo esse mês e teremos impactos no próximo.

Todos os gastos estão registrados com as respectivas notas fiscais. Nosso contador tem acesso a essas informações e, a partir delas, elaborar as tabelas disponíveis no site www.cefisma.com.br/transparencia. Se você tiver qualquer dúvida sobre esse processo, pode conversar com os tesoureiros do CEFISMA Popular.





Sobre o autor

Ely Miranda é doutorando, tesoureiro e militante da UJC e do PCBR

Próximos Eventos

Confira o calendário de atividades no IFUSP

26 de Setembro

An(IME)²

No Instituto de Matemática e Estatística (IME) teremos mais uma edição do An(IME)². Contando com o tão aguardado concurso de cosplay e cospobre e o eletrizante otaquiz. Para mais informações sobre o evento, fique de olho no instagram do centro acadêmico do IME (@camat.usp).

20 a 24 de Outubro

Semana da Física

Em outubro, teremos a Semana da Física, com atividades organizadas por discentes e docentes para pensarmos os diferentes cursos de física. Tanto a licenciatura quanto a física médica tem suas semanas próprias, com o bacharelado também organizando uma este ano. Pergunte aos representantes discentes das comissões organizadoras dos seus cursos para mais informações.

Trabalho Editorial

Maria Dressano

maria.dressano@usp.br

Triz Persoli

persoli@if.usp.br

Ely Miranda

ely.miranda@usp.br

Cefisma

cefismapopular@gmail.com

Agradecemos aos autores e artistas presentes nessa edição. A equipe do Boletim Supernova convida todos que quiserem colaborar, tanto com o trabalho editorial como com o envio de sugestões, a entrarem em contato com os editores ou com o Cefisma. Aos escritores e artistas, lembramos que o formulário para o envio das artes esta sempre aberto.



Gostaria de enviar a sua contribuição para o Boletim Supernova?

Mande seu texto ou sua arte para a próxima edição através do QR code!

